

PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E DA AÍDS: COSMOVISÃO DOS PROFESSORES DA REGIÃO PANTANEIRA SUL-MATO-GROSSENSE

Léia Teixeira Lacerda (1); Maria Leda Pinto (2); Kátia Cristina Nascimento Figueira (3).

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, leialacerda@gmail.com ; leda@uems.br; katiafigueira@uems.br

Resumo:

A presente comunicação tem por finalidade apresentar o resultado das investigações desenvolvidas pelas pesquisadoras envolvidas no *Projeto de Pesquisa: Educação, Corpos e Culturas na Fronteira: Análise dos Programas de Saúde de Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e da Aids realizada com Professores Escolas Indígenas do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1997 a 2010)*, notadamente, no campo da Educação e da Saúde. Essa proposta foi desenvolvida no período de agosto de 2010 a agosto de 2012 e contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa/CNPq. Na análise das narrativas orais coletadas nas Oficinas de Prevenção das ISTs e da Aids, entre os indígenas, a metodologia utilizada fundamentou-se na Observação Participante, na História Oral e na Análise do Discurso, dita de linha francesa. Os resultados evidenciaram que a blindagem do eu, bem como sua cosmovisão registradas nas narrativas orais é, de fato, um direito dos indígenas e pode ser considerada como uma reação justa diante de uma atitude invasiva do Outro personificado pelos costumes e crenças da cultura ocidental, ainda que essa atitude invasiva tenha como escopo a própria sobrevivência física e simbólica desses indivíduos. Muitos desses costumes e crenças estruturam os discursos das campanhas de prevenção das ISTs e da Aids desenvolvidas, não só com a população indígena, mas também com os diferentes grupos étnicos que constituem a sociedade brasileira. Essas Campanhas, na maioria das vezes, obtêm poucos resultados, no sentido da apropriação de suas ações, tendo em vista que o modo de ser e viver de cada um desses grupos são desconsiderados, tornando-as ineficazes do ponto de vista da mudança e da transformação de atitude e de comportamento. Diante disso, buscamos, na verdade, organizar — na perspectiva das narrativas desses professores que residem nessa região — um referencial teórico-metodológico por meio das atividades realizadas nas Oficinas, considerando o protagonismo e os conhecimentos tradicionais desses professores e dessa comunidade, para abordar os aspectos não só da saúde e da sexualidade indígena, mas também os aspectos que abordam a história da educação escolar, que possibilita desenvolver outros projetos educacionais e de saúde com essa população. O ethos Kadiwéu, Kinikinai e Terena está vinculado ao espaço em que vivem, ou seja, são índios guerreiros e agricultores, respectivamente. Não falam das questões que envolvem corpo e sexualidade de maneira aberta e espontânea, pelo menos entre eles e nós, os pesquisadores e educadores não indígenas. Os comportamentos de envergonhamento e timidez — registrados de modo geral no contexto das dinâmicas das Oficinas — podem ser compreendidos como um mecanismo de autoproteção não só da vida privada e sexual desses indivíduos, mas de sua própria vivência cultural com essa temática.

Palavras-chave: Prevenção; IST; Aids; Indígenas; Narrativas.

Introdução

O ponto de partida desta investigação teve seu fundamento na seguinte indagação: em que medida se estrutura e se evidencia a prevenção das ISTs e da Aids a partir do protagonismo cultural dos professores indígenas que vivem e atuam na Região do Pantanal Sul-Mato-Grossense? Na busca da resposta a essa indagação estabelecemos como objetivo geral: analisar as narrativas orais indígenas coletadas nas *Oficinas*

de Educação Preventiva das ISTs e da Aids realizadas com os Professores das Escolas Indígenas da Região do Pantanal Sul-mato-grossense, no sentido de aprimorar as campanhas de prevenção das ISTs e da Aids, em uma perspectiva educativa, linguística, psicológica, histórica e antropológica.

No encaminhamento ao alcance desses objetivos, buscamos — por meio da Observação Participante, da História Oral e na Análise do Discurso (AD) os fundamentos teóricos para a análise das narrativas orais coletadas nas Oficinas realizadas com os professores das Escolas indígenas do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Assim, por meio dos mecanismos interdiscursivos, que remetem à relação texto-contexto, examinamos esses discursos orais, levando em conta a interdiscursividade que remete a noções como heterogeneidade discursiva, sujeito, condições de produção entre outros que se inserem no quadro da AD e que fazem parte do processo interlocutivo.

Como que estávamos trabalhando com gêneros do discurso da modalidade oral, sentimos a necessidade de buscar, nos estudos da gramática do português falado (KOCH, 2002) e na análise da conversação (MARCUSCHI, 2001), os fundamentos que explicam as especificidades desse gênero discursivo. Isso foi feito dentro das necessidades de explicitação desses aspectos teóricos no interior da análise das narrativas.

Prevenção das ISTS e da Aids: Cosmvisão dos Professores Indígenas da Região Pantaneira

Consideradas as perspectivas teóricas adotadas, procedemos à análise das narrativas orais dos professores indígenas, sendo que essa análise permeou todas as partes que estruturaram este relatório. Além dessas análises, elencamos e analisamos, neste trabalho, trechos das narrativas em sua perspectiva discursiva e levando em conta os objetivos específicos estabelecidos no projeto. A primeira diz respeito ao registro histórico e crítico das práticas educativas dos professores indígenas dessas escolas, no sentido de aprimorar os processos de ensino e aprendizagem conforme expressam as narrativas a seguir:

[..] Eu tinha muita vergonha de falar desses assuntos de sexo, **até** entre os da minha família. Com as oficinas eu aprendi e passo para os meus aluninhos que o assunto não deve ser tratado com tanta vergonha porque é **da nossa** saúde, da **nossa vida** que estamos tratando. Foi isso que eu preni e estou repassando (Aluna Kadiwéu, AM, 40 anos).

[...] É um assunto muito importante todos devem conhecer, mas é vergonhoso para nós professores do sexo masculino falar sobre as doenças do órgão sexual feminino. Como eu ia desenhar a vagina na lousa? Não consegui fazer os alunos pararem de dar risadas. Eles riam muito. Acho que é de vergonha do assunto. Tinha doença que

eu precisava desenhar para explicar melhor, sabe? (Aluno Kinikinau, RI, 38 anos).

[...] Quando fui tratar do assunto em sala de aula eu deixei os alunos rirem bastante, até cansar! Depois falei da importância de saber se prevenir da doença. Comentei que conversando com algumas pessoas mais idosas da Reserva, eles me disseram que no passado muitos Kadiwéu – homens e mulheres – haviam morrido com a sífilis e que hoje se os jovens se prevenir não morrerão com a Aids (Aluna Kadiwéu, AM, 40 anos).

Os discursos de (AM, RI e VLB) evidenciam o contexto sócio-histórico desses sujeitos, ou seja, a imagem que fazem do assunto, ao enunciarem seus discursos, sua visão de mundo. A questão da sexualidade é tratada por eles a partir das concepções, dos costumes, das crenças e dos valores culturais que evidenciam a forma como, essas populações, se relacionam com o corpo e o cuidado de si, bem como a dificuldade em trabalhar, com os alunos, o assunto de uma perspectiva mais técnica e em uma linguagem médica e fisiológica, em uma linguagem científica, conforme já referido.

Para Brandão (1994, p. 12) a noção de discurso é compreendida como um modo de produção social que não é neutro, nem natural, “por isso é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia”. A partir dessa perspectiva discursiva, é possível atribuir aos discursos dos professores indígenas o sentido de que o sexo e os órgãos sexuais são considerados “tabus” para a comunidade, especialmente porque são assuntos que não podem ser tratados publicamente entre homens e mulheres. Reconhecem que é um assunto relevante para todos: [...] *É um assunto muito importante todos devem conhecer*”/[...] *porque é da nossa saúde, da nossa vida que estamos tratando*/[...] *Depois falei da importância de saber se prevenir da doença*. No entanto, consideram que [...] *é vergonhoso para nós professores do sexo masculino falar sobre as doenças do órgão sexual feminino*. É difícil falar sobre o assunto [...] *até entre os da minha família*. Utilizando-se do operador argumentativo *até* AM possibilita a seus ouvintes o efeito de sentido que demonstra a dimensão de sua vergonha em falar sobre o referido assunto.

A professora utiliza um argumento muito forte para mostrar ao ouvinte sua dificuldade em tratar das questões da sexualidade com os alunos. Segundo Geraldi e Ilari (1987, p.79), sujeitos que usam em seus discursos o operador *até* [...] *tentam persuadir seus ouvintes de uma tese*[...]”. No caso da professora é possível afirmar que apesar de tanta vergonha ela venceu tudo isso, porque [...] *é da nossa saúde, da nossa vida que estamos tratando*”. Utilizando-se da repetição (*nossa saúde, da nossa vida*) intensifica a importância do cuidado de si.

Segundo Koch (2002, p. 124) a repetição, no texto oral, é uma estratégia argumentativa básica de construção/formulação do discurso que, nas interações face a face, evidenciam-se alguns tipos de auto-repetição peculiares, sempre com funções que exprimem algum tipo de intensificação como, por exemplo: empatia, insistência, pedido de confirmação, dentre outras. Considerando *o lugar que ocupa*, a professora intensifica, reitera, aos alunos — no *não dito* que *se diz* implicitamente — a gravidade da doença, bem como a relevância do cuidado com o corpo; a relevância da vida!

Por outro lado, considerando *o lugar que ocupam*, ao enunciar o seu discurso: seu local de trabalho e a função que desempenham, é possível a construção de sentido de que esses professores indígenas se colocam no lugar de autoridade que, diante de seus alunos, sentem muita dificuldade em tocar em um assunto que é, normalmente, silenciado/silencioso pela/na comunidade, por isso não se sentem preparados para ensinar sobre a prevenção para os mais jovens [...] *falar a respeito da camisinha feminina e masculina!*[...] *ainda não me sinto a vontade e preparado para ensinar aos mais jovens.*

É também do lugar de professora que (AM) encaminha seu discurso sobre sexualidade com os alunos. Embora com vergonha, mas sendo ela a professora — diante de jovens alunos — deixou, ao tratar do assunto, que os alunos rissem bastante: [...] *até cansar!*” e depois trouxe a voz de autoridade e a vivência dos mais velhos da Aldeia para explicar a necessidade de prevenção, colocando essa necessidade a partir do terror e da morte, exemplificados com outro momento histórico vivido pela comunidade com a sífilis.

Uma das possíveis soluções para essa dificuldade vem do discurso de (SGP). Como afirma Geraldí (1996) [...] *o trabalho linguístico se efetiva nos processos interativos, é preciso considerar que há agentes nessa interação*”. O autor, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, defende que o sujeito se constitui na interação com os outros, internalizando a linguagem e constituindo-se como ser social, num processo de “nunca acabar” (p.19). Esse professor indígena constitui-se socialmente, por meio do seu discurso [...] *tem que ser no nosso idioma e tem que contar do jeito que a gente olha as coisas, não do jeito dos brancos, dos ecalailegi* (aluno Kadiwéu, SGP, 29 anos), evidenciando que não há como expor publicamente, um assunto de “foro íntimo” dessas populações, diante do *Outro*, do estranho, do não indígena.

[...] Acho que foi pouco tempo de ficar juntos aprendendo. Quando os alunos do Magistério estavam se soltando aí acabou. Eu mesmo quando estava mais preparado pra fazer pergunta não podia mais. Outra coisa é que pra conversar com homem tem que ser outro homem. Esse negócio de colocar professora mulher pra falar logo de cara de um

assunto tão difícil não dá certo! (Aluno Kinikinau, RI, 38 anos).

As concepções, os costumes, as crenças e os valores culturais desses indígenas evidenciam-se historicamente também no discurso acima, em que RI fala enquanto sujeito que se constitui na interação com os Kadiwéu, já que, como morador da Reserva, expressa a cultura dessa etnia ao observar que [...] *pra conversar com homem tem que ser outro homem. Esse negócio de colocar professora mulher pra falar logo de cara de um assunto tão difícil não dá certo!*. Como já referido anteriormente, na cultura Kadiwéu, há os assuntos que homens só conversam com os outros homens e assuntos de mulher para mulher, dentre os quais a concepção fisiológica de seus corpos. Esse é um dos aspectos importantes a ser considerado no aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem, na escola, sobre a Educação Preventiva.

[...] Foi nas aulas de ciências que nós aprendemos bastante. Os professores reunidos explicaram sobre o projeto que venceu e explicaram também sobre as doenças. Muitas eu não tinha escutado, outras eu já tinha escutado falar. Foi muito importante esse estudo sobre essas doenças. Nas minhas aulas da escola eu usei o que aprendi também nas aulas de ciências, expliquei para os meus alunos sobre algumas doenças e para alguns maiores eu mostrei a camisinha. Teve um aluno que perguntou onde tinha camisinha. Eu disse que é só ir à Funasa que eles dão. E ele, num outro dia, disse que foi lá e pegou. Eu fiquei feliz por isso (Aluno Kadiwéu, VBL, 25 anos).

[...] Foi boa, no começo ninguém queria pegar, mas depois me chamavam escondido e pediam mais, por que três era pouco. Eu dava risada, mas não estava dando risada da pessoa, mas da situação. Agora o preservativo de mulher é mais difícil de aceitar. Ele é estranho, não é igual ao do homem (Aluno Kadiwéu, SN, 19 anos).

[...] Se alguém fica doente, eles vão no médico, antes não. Se ficou doente, só tomava chá de plantas que conhecemos, como aquelas da cartilha que fizemos. Agora aprenderam a usar a camisinha. Um dia eu estava lá na Funasa conversando com o enfermeiro e vi um guri se aproximar bem perto para falar com o enfermeiro. Eu percebi e sai um pouco de perto. Depois que o guri foi embora, eu fui até o enfermeiro e perguntei o que era que o guri queria. Daí o enfermeiro disse que estava com vergonha de mim porque ele queria camisinha e não queria que eu soubesse disso. Gostei, é sinal que nós ensinamos direito (Aluno Kinikinau, RI, 38 anos).

Outro ponto importante a ser considerado no que se refere ao aprimoramento, na escola, dos processos de ensino e aprendizagem sobre a Educação Preventiva das ISTs e da Aids é a adoção de Projetos — a serem desenvolvidos junto a essas populações — sobre essa temática, nas Aldeias, como foi o caso das Oficinas, conforme observamos nas narrativas de (VBL, SRA e SN), acima elencadas. Considerando *o lugar que ocupam* ao elaborar o seu discurso, esses professores avaliam positivamente o seu aprendizado durante as oficinas e a

importância desse aprendizado para ele enquanto professor, em suas aulas, e para a sua comunidade.

Em relação ao *lugar que ocupam seus interlocutores* e em relação ao *próprio discurso* revelam um aprendizado que conseguem inserir em suas práticas pedagógicas como é possível constatar nestes discursos: [...] *Foi nas aulas de ciências que nós aprendemos bastante. Os professores reunidos explicaram sobre o projeto que venceu e explicaram também sobre as doenças/Foi boa, no começo ninguém queria pegar a camisinha, mas depois me chamavam escondido e pediam mais, por que três era pouco.*

Essas práticas são avaliadas como positivas, pois as orientações que havia passado sobre o uso da camisinha foi assimilado pelos alunos, por isso o professor expressa sua satisfação: [...] *Eu fiquei feliz por isso/ [...] No começo os alunos tinham vergonha de pedir a camisinha e depois alguns perderam a vergonha porque entenderam que estavam protegendo a própria vida e a vida das pessoas com quem estavam transando/ Depois que o guri foi embora, eu fui até o enfermeiro e perguntei o que era que o guri queria. Daí o enfermeiro disse que estava com vergonha de mim porque ele queria camisinha e não queria que eu soubesse disso. Gostei, é sinal que nós ensinamos direito,* mostrando que as ações de educação continuada são estratégias positivas que possibilitam a compreensão dos educandos sobre uma temática tão complexa como a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis.

As investigações sobre os processos da Educação Preventiva das ISTs e da Aids — que compreendem o segundo objetivo específico proposta de pesquisa — passam, no nosso entender, pelas concepções dessas populações sobre sexualidade, gênero, etnia e geração.

[...] Claro que */transar/* sem preservativo é mais prazeroso para o índio. **Mas** estamos vivendo em tempos de Aids e isso é uma questão mundial! Não é uma doença que pode atingir apenas as Aldeias e os indígenas! É uma doença malvada que pode atingir qualquer pessoa! (Aluno Kadiwéu, MVS 21 anos).

[...] A gente tem que vencer o medo e no caso do índio tem que vencer o medo de desaparecer por causa da Aids, então se a gente não falar nada vai ter índio morrendo sem saber o porquê. É isso! (Aluno Kinikinau, RI, 38 anos).

[...] Foi mais fácil desenhar o corpo do homem! Da mulher é mais simples, **mas** é cheio de detalhes! Precisa observar bastante pra desenhar! Tem muitas partes internas! Se não olhar bem, passam despercebidas! (Aluno Kadiwéu, SN, 19 anos).

[...] Eu acho que, como foi falado na oficina, é importante a gente ficar sempre sabendo como é que se pega para não pegar! É porque o tratamento de qualquer doença aqui na aldeia é difícil.

Tem que sair, ficar longe da família. É muito difícil. A gente conhecendo sobre isso tudo é uma arma para nós atacarmos a Aids antes dela nos pegar (Aluno Kadiwéu, SGP, 29 anos).

[...] As Oficinas foram positivas, boa, com muito respeito. Os professores foram muito bons com a gente e respeitaram muito quando era pra nós falar, escrever, desenhar e mesmo quando alguns estavam envergonhados (Aluno Kadiwéu, VLB, 22 anos).

As etnias indígenas têm desenvolvido, nos seus códigos privados de cultura, complexos sistemas de saberes. Muitos desses saberes são difundidos nas comunidades não indígenas, conforme os estudos de Berta Ribeiro (1987) apresentados nesta pesquisa, entretanto, muitos outros saberes são *blindados* como forma de auto-preservação de seus costumes, na dinâmica da alteridade. Essa *blindagem* é revelada ao *Outro* quando alguma situação vivida causa estranhamento e surpresa.

A prevenção das ISTs e da Aids é, portanto, um assunto que afeta diretamente a vida íntima e a saúde das pessoas, por isso, pode provocar constrangimento e timidez numa conversa formal e informal, tanto nas etnias indígenas e não indígenas. Porém, a presença viva de uma cultura diversa da cultura hegemônica confere a esse constrangimento e timidez outros significados, como podemos observar, nas narrativas abaixo. São sentimentos de um sujeito que vivencia, na possibilidade da infecção pelo HIV, o medo da morte, o medo da finitude da vida: [...] *A gente tem que vencer o medo e no caso do índio tem que vencer o medo de desaparecer por causa da Aids*. Essa concepção de que o indígena pode desaparecer revela sentimentos contraditórios em relação ao uso do preservativo nas relações sexuais e à vontade de conhecer o processo discursivo da educação preventiva para se proteger das ISTs e da Aids.

Outro aspecto evidenciado nas narrativas diz respeito à concepção que os indígenas têm do corpo masculino e feminino. Embora os Kadiweu apresentem como patrimônio cultural a arte dos desenhos geométricos que mostram a sua *preocupação estética de uma vontade de beleza*, conforme salienta Ribeiro (1980, p. 257), na hora de desenhar os corpos masculino e feminino, o aluno Kadiwéu, (SN) encontrou dificuldades para desenhar o corpo feminino: [...] *Foi mais fácil desenhar o corpo do homem! Da mulher é mais simples, mas é cheio de detalhes! Precisa observar bastante pra desenhar! Tem muitas partes internas! Se não olhar bem, passam despercebidas!* Há, nessa declaração, uma possibilidade de construção de sentido que evidencia o conhecimento do corpo masculino e um certo distanciamento de percepção do corpo feminino, ou seja, isso nos remete à organização linguística presente na cultura dessa etnia e a concepção fisiológica dos corpos, isto é, novamente encontramos

elementos bem demarcados de definição das relações de gênero e de etnia passadas oralmente de geração para geração.

Há ainda, na atualidade, entre os Kadiwéu uma relação identitária com os ideais de homens e mulheres — fortes e guerreiros — que nos leva a refletir sobre o imaginário desses corpos diante da possibilidade da infecção pelo HIV, tendo em vista que se trata de uma sociedade que alimenta e cultua seus *corpos* com adereços e pinturas geométricas das mais variadas formas, mostrando a valorização do patrimônio cultural dessa etnia pela força física e pela beleza. Para os Kadiwéu e muitas etnias brasileiras, o *corpo* é referência de resistência e identidade e delimita fronteiras simbólicas, físicas e culturais nas relações de alteridade com o *Outro*.

Diante da constatação desse imaginário, o que se vê no caso da infecção e da convivência cotidiana com o HIV é um corpo alquebrado e com muitas resistências emocionais e culturais para aceitar a rotina do tratamento, tornando a possibilidade de finitude da vida muito próxima dos diferentes grupos étnicos.

Dessa forma, desenvolver ações sobre a prevenção das ISTs e da Aids em sociedades indígenas implica em estabelecer um diálogo entre a Educação e a Cultura, recorrendo a conhecimentos gerados pela Antropologia, pela Política, pela História e pela Linguística. Se essa inter-relação de conhecimentos não ocorrer, os profissionais responsáveis por essas ações de Educação Preventiva tornar-se-ão meros repetidores dos manuais médicos, em uma perspectiva eminentemente biológica, sem considerar todo o patrimônio cultural que essas etnias repassam, oralmente — de geração para geração — no que diz respeito aos conhecimentos e aos saberes tradicionais sobre os processos de doenças, saúde e cura.

A compreensão desse processo possibilitará a ampliação e a discussão da diversidade cultural, presentes no cotidiano escolar, bem como as políticas públicas desenvolvidas no contexto da educação e da saúde indígena, que se presentificam nas narrativas a seguir:

[...] Ah! Graças a Deus ainda não temos conhecimento de casos entre os indígenas da Reserva! Sabemos que há casos de doenças sexuais, porque é muito comum entre os homens que saem pra trabalhar fora! Por isso é importante elaborar materiais didáticos no idioma dos indígenas! Que explica o que são essas doenças, como se cuidar e se proteger! (Aluno Kadiwéu, PG, 37 anos).

[...] Os Projetos são muito bons! Ajudam muito! Acho que os mais jovens aprenderam usar a camisinha, sim! Pra se prevenir! Senão a Aids e as IST vão pegá-los! (Aluno Kadiwéu, SGP, 29anos).

[...] Eu acho que em primeiro lugar é um assunto para nós mesmos aprender como é e não deixar a doença chegar. É importante ter as informações sobre esse assunto porque a gente pode ajudar quem

ainda não sabe disso (Aluno Kadiwéu, AL, 19 anos).

Já havia ouvido falar da Aids, mas não tinha muita preocupação! Agora com as atividades das Oficinas tomei conhecimento e consciência! As informações ficaram mais claras e hoje sei que preciso me proteger! Ensinar os alunos como se proteger e tomar consciência do risco que podem correr quando forem estudar na cidade! (Aluno Kadiwéu, MCS, 23).

Os discursos de (PG, SGP, AL e MCS) evidenciam os resultados das Oficinas de Educação Preventiva, enquanto sujeitos que se colocam — diante da possibilidade da infecção pelo HIV por meio do contato interétnico — tendo em vista que as dinâmicas promoveram reflexões que descortinaram, inevitavelmente, a vida privada e sexual desses indígenas, conforme expressa PG: *Sabemos que há casos de doenças sexuais, porque é muito comum entre os homens que saem pra trabalhar fora!*

Essas reflexões são provocadoras, do ponto de vista psicológico, antropológico e linguístico, de uma problemática que se situa no centro da cultura indígena e não indígena, um lugar delicado e desconhecido, por isso, para esses sujeitos foi muito importante conhecer para se proteger e se prevenir, conforme apontam SGP, AL e MCS. Para SPG os mais jovens precisam se conscientizar, a fim de não serem atingidos com as DST e a Aids: [...] *Os Projetos são muito bons! Ajudam muito! Acho que os mais jovens aprenderam usar a camisinha, sim! Pra se prevenir! Senão a Aids e as DST vão pegá-los!*

Dessa maneira, é preciso socializar as informações e os conhecimentos para as comunidades que ainda não sabem disso, conforme expressa AL: [...] *É importante ter as informações sobre esse assunto porque a gente pode ajudar quem ainda não sabe disso/ Fica evidente também que essas informações possibilitaram uma tomada de consciência sobre a gravidade dessas doenças: [...] Já havia ouvido falar da Aids, mas não tinha muita preocupação! Agora com as atividades das Oficinas tomei conhecimento e consciência! As informações ficaram mais claras e hoje sei que preciso me proteger! Ensinar os alunos como se proteger e tomar consciência do risco que podem correr quando forem estudar na cidade!*

Os efeitos de sentido que essas narrativas nos apresentam são as vozes de uma comunidade indígena que possui um longo histórico de contato interétnico com outras doenças dizimadoras que os colocaram em circunstâncias de extrema vulnerabilidade, com é o caso da Gripe Espanhola e da própria Sífilis, no passado.

A escola foi o espaço de mediação dessa experiência, pois é uma instituição que, no contexto do Estado e da Constituição Federativa do Brasil (1988), deve se encarregar da propagação do saberes universais e singulares, lugar em que os

conhecimentos formais e culturais se re-significam continuamente. A apropriação que atualmente os Kadiwéu, Kinikinau e Terena fazem dos conhecimentos adquiridos no ambiente escolar — aliados à sabedoria ancestral e à herança cultural — tornam toda essa experiência uma excelente oportunidade de contribuir com o desenvolvimento de políticas públicas que considerem as tradições, as crenças, os saberes e os códigos culturais não só das etnias que residem em Mato Grosso do Sul, como também das demais etnias brasileiras.

As narrativas orais dos indígenas evidenciam — no contexto da Educação Preventiva — reflexões a respeito do comportamento de “risco” e das práticas sexuais não protegidas. Essas reflexões são reveladoras de como as ISTs e a Aids causam em indígenas e não indígenas sentimentos de espanto, pânico e de morte, conforme afirma PG, em seu discurso: *[...]São doenças que adoecem não só os genitais como também tiram o equilíbrio emocional da pessoa! São doenças graves que ainda bem que tem cura, se for tratadas a tempo!*

São doenças que adoecem não só os genitais como também tiram o equilíbrio emocional da pessoa! São doenças graves que ainda bem que tem cura, se for tratadas a tempo! Por isso é importante o cuidado com a saúde não só de índios como do branco (Aluno Kadiwéu, PG, 37 anos).

Essas doenças são transmitidas ao índio pelo homem branco! Por isso é importante se proteger! (Aluno Terena, RGG, 45 anos).

A Aids não é uma doença distante do Brasil e da nossa Aldeia! Não é uma doença que atinge poucas pessoas hoje! É uma doença real! Muitas pessoas indígenas e brancas já morreram por ter sido contaminadas! (Aluno Terena, RGG, 45 anos).

Nossa não dá pra arriscar! A não ser que queira ser papai! Não dá pra arriscar de nenhuma maneira, pois pode ocorrer gravidez e o risco de se pegar doenças se a menina tiver doente! É mais um motivo pra usar a camisinha! (Aluno Kadiwéu, CJ, 22 anos).

“Eu esqueci [...] mas acho que vem do homem branco” (Aluna Terena, TS, 37 anos).

No início eu achava que era uma doença que vinha do ar, mas não é... Eu pensava que era através do cigarro, do álcool. E ao mesmo tempo eu pensava que era só numa aldeia. Mas todas as cidades têm pelo menos um caso. Por isso mesmo eu fico preocupada, porque as meninas saem com os homens brancos. Os índios quando saem para trabalhar no corte da cana-de-açúcar, frequentam a casa vermelha, e não usam a camisinha (Aluna Terena, TS, 37 anos).

Por outro lado, os discursos de (RGG, PG e TS) são reveladores de que a doença é transmitida pelo branco, produzindo um efeito de sentido acusatório que evidencia as relações de alteridade entre o Eu e o Outro, pois, na visão de mundo desses indígenas, o mal não está neles e sim no homem branco, no não indígena: *[...] Essas*

doenças são transmitidas ao índio pelo homem branco! Por isso é importante se proteger! [...] É uma doença real! Muitas pessoas indígenas e brancas já morreram por terem sido contaminadas/ [...] “Eu esqueci [...] mas acho que vem do homem branco”/

O histórico contato interétnico revela a percepção da transmissão das ISTs e da Aids, conforme pontua TS: *[...]No início eu achava que era uma doença que vinha do ar, mas não é... Eu pensava que era através do cigarro, do álcool. E ao mesmo tempo eu pensava que era só numa aldeia. Mas todas as cidades têm pelo menos um caso. Por isso mesmo eu fico preocupada, porque as meninas saem com os homens brancos. Os índios quando saem para trabalhar no corte da cana-de-açúcar, frequentam a casa vermelha, e não usam a camisinha.*

De acordo com Brandão (1994) a noção de sujeito descentrado compreende fundamentalmente a história:

*[...] porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala e um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). (...) Segundo essa tendência, a noção de subjetividade não está mais centrada na transcendência do *EGO*, mas relativizada no par *EU—TU*, incorporando o outro como constitutivo do sujeito (BRANDÃO, 1994, p.49-50).*

Dessa perspectiva, as narrativas de ET, HT e da aluna FSM apresentam duas possibilidades de interpretação/efeito de sentido. A primeira evidencia sujeitos histórica e ideologicamente marcados por um tempo histórico e um espaço social em que a relação com o Outro, o não indígena se dá em um conflito de posições que, historicamente, coloca os indígenas em desvantagens como, por exemplo, nas demandas pela reconquista de suas terras, na violência contra esses indígenas nas cidades, nos preconceitos em que essas populações são rotuladas de preguiçosas, dentre outros. Dessa forma, embora haja uma hesitação inicial, o raciocínio é achar que uma doença tão terrível vem do não indígena: *“Eu esqueci [...] acho que vem do homem branco”* (ET).

A outra possibilidade de efeito de sentido tem relação com o discurso dos valores morais socialmente instituídos pelos não indígenas e pelos próprios indígenas de que as Infecções Sexualmente Transmissíveis e a Aids têm relação, unicamente, com a prostituição *[...] Os índios quando saem para trabalhar no corte da cana-de-*

açúcar, frequentam a casa vermelha, e não usam a camisinha (ET), com as relações sexuais [...] A gente falou sobre os maridos que vão para a cidade pegar as mulheres que tem doenças, as prostitutas (Aluna Terena, FSM, 35 anos), não sendo pensadas outras formas de transmissão. Assim, em uma relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do Outro e, no caso dessas mulheres indígenas, esse Outro que me complementa, me traz a doença, o impuro, o terror, o pavor e o sentimento de finitude como herança dessa relação de alteridade.

Conclusão:

Com o desenvolvimento da presente pesquisa concluímos que discutir a prevenção das ISTs e da Aids é descortinar o universo erótico, erógeno e desejanter da sexualidade indígena e não indígena e, sobretudo incentivar o protagonismo e as concepções dos atores envolvidos com o tema a virem à tona, como o medo de ser infectado pelo HIV ou pelas Infecções Sexualmente Transmissíveis; como o cuidado com o corpo; a autoestima, a opção e o direito de escolha pelo sexo seguro, as vivências do prazer e da sexualidade em plenitude.

A Aids é uma doença que deixa marcas indelévels nos corpos e na alma humana. Além do mal-estar comumente vivenciado pelos seus diversos sintomas, conviver e viver com a doença é também conhecer as suas marcas das mais variadas formas, expressões e sentimentos que são, muitas vezes, suscitados pelo preconceito, pois coloca em “cheque” como a sexualidade é vivenciada cotidianamente pelo sujeito.

Referências:

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília. Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> Acesso em 11 set 2017.

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. Série Pesquisas.

MACIEL, L. T. L. **Corpos, culturas e alteridade em fronteiras: educação escolar e prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e da Aids entre indígenas da Reserva Kadiwéu, Mato Grosso do Sul, Brasil**. São Paulo: USP, Tese, (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 224 fl, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122009-154200/pt-br.php> Acesso em 11 set 2017.

GERALDI, J. Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, J. Wanderley e ILARI, Rodolfo. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1987.

KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, V. 6, Desenvolvimentos.

MARCUSCHI, L. Antonio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2001.